

EDUARDA DIONÍSIO

ANTES QUE
A NOITE VENHA

TEATRO



ANTES QUE A NOITE VENHA

Título: *Antes que a Noite Venha*

© Eduarda Dionísio e Edições Cotovia, Lda., Lisboa, 1992

Concepção gráfica de João Botelho

Coordenação de António Lobo

ISBN 972-9013-94-2

Eduarda Dionísio

ULFL0M00247



Antes que a Noite Venha

Ao Osório Mateus.

Aqui está isto.

Eduarda.

na. 92

Cotovia

Teatro Nacional D. Maria II

Elenco da Estreia
de
ANTES QUE A NOITE VENHA
Espectáculo do Teatro da Cornucópia
no Teatro do Bairro Alto
em
13 de Março de 1992

Antes que a Noite Venha

ACTORES

Luísa Cruz
Rita Blanco
Maria João Luís
Márcia Breia

ACORDEONISTA

Pedro Soares

Encenação
Música

Adriano Luz
João Loio

1. FALA À AMA GRANDE E GORDA

Traz-me o teu colo de antigamente
para eu derramar nele a alegria
que sobeja das palavras que ouvi.
É prazer que não cabe em nenhum coração de pessoa.
Caberá no teu colo quente e fundo uma parte pequenina.
Vai-me buscar o copo de leite que antigamente me trazias
e dá-me dois anos da tua vida grande, branca já.
Com eles adivinharei a verdade toda nos olhos
de cada homem
e acreditarei nas palavras que ouvi e nas palavras que disse
até ao fim dos dias.
Ama
adormece-me o respirar no teu colo de antigamente
onde se abafa e esquece de mansinho.
Eras grande e gorda quando nas noites te via.
Assim te verei hoje na insónia que vou ter.
Chega aqui o teu calor, mais pertinho ainda,
para que o formigueiro que me enche o corpo,
este segredo que me rói,
não caia no chão
não se quebre na pedra
não se espalhe nos ladrilhos frios
não se perca em estilhaços
por aí.
O mundo todo sabe o instante único do meu contentamento.
Só eu não o pude ver
por não ter água ou metal onde me espelhasse.

Aprendi o olhar. Ele mo ensinou.
Havia uma grande lua branca do outro lado. Estava claro de geada
o campo.

Desentrança os teus cabelos cinzentos que nunca vi soltar
mergulha-os em óleos e azeites primeiro
e eu ensoparei nesse teu mar
os medos que espream e os ódios que há
até os afogar.

Afasta-me os sonhos bons
para eu não sufocar na paixão que arde e transborda de mim.

Ama,
não te posso explicar,
por mais que queira e te queira muito, ama.

A beleza que tenho é tão nova.

Nunca foi vista por homem nem por mulher.

Se não por ele
há meia hora.

Gosto de mim. Gosto que ele goste. É de mim que ele gosta, ama.
Antes mesmo de alguma vez me ver ou me saber, disse-me ele,
e eu digo-te a ti.

Fechado na mão esquerda
tenho um coração pintado a sangue fresco.

Até da espera gosto. Será curta.

Acaba à hora exacta em que o sino claro há-de tocar.

Então, na palma da mão aberta terei uma flor encarnada.

Disse-me ele e eu digo-te a ti.

Secou a chuva que me alagava o viver
antes de lhe conhecer a voz e os passos.

Guarda-me de pai e mãe que me querem casar.

Não quero tornar a vê-los.

Nem hoje
nem nunca mais.

Estás agora com o olhar preso à paisagem.

O teu ouvido tenta encontrar-me os passos.

Não me viste nem ouviste chegar da noite espessa.
 Tens medo que eu não volte mais.
 É disso que eu gosto, sabes.
 Faço medo a quem me ama, do muito gostar.
 Ama, sossega o teu amor.
 Cheguei.
 E vejo-te outra vez grande e gorda à luz da candeia.
 Voltei para logo regressar ao gosto de onde venho.
 Estou aqui só para te contar.
 Nunca tinha sentido o chão húmido da noite na pele que sempre
 lavaste com os teus cuidados de leites e rosas desmaiadas.
 Agora trago o cheiro das estevas.
 Cheira os meus braços, ama
 e abre os teus para receberes este meu regresso todo
 que te dou até metade.
 O relógio do universo começou a funcionar.
 Alguém lhe deu corda sem eu reparar.
 Vês a lua, ama, no campo de geada?
 Não tenho medo, sabes.
 Não afastes a noite de mim quando me olhares.
 Hoje sou dona de mim
 e daqueles em quem tocar.
 Não quero perder a memória de nenhum gesto.
 Tens tu de me ajudar.

com este grande silêncio por único remédio.
À garupa do cavalo branco voarei contigo
para terras brandas, de ódios vazias,
sem famílias inimigas e sem tiranos,
se entretanto a ponta do punhal que me roça as costas não se encravar
entre costelas e vértebras.
Rolou uma pedra no caminho. Ouvi um pássaro.
Lua redonda,
não subas tão alto agora. Cobre bem o meu príncipe, de geada
até que o rugir das feras amanse em cansaço
perto da madrugada.
Desengana-te de negócios encetados, pai duma filha perdida,
tu que fizeste oferta do meu corpo
sem querer saber de matrimónio sagrado por vontades.
Desengana-te de supostas obediências de menina bem tratada,
minha mãe.
Eu sou filha do leite e do coração duma boa mulher, grande e gorda.
Estes dentes não descerro.
Grande é o amor que me vale e me invade nesta hora.
Nem sim nem não
nada hão-de ouvir paredes nem ouvidos.
Só silêncio, mais claro e duro que cristal.
Capa de ferro te cobrirá, amor, enquanto eu nesta varanda me
inclinare
nem de menos, nem de mais, suspensa,
mais perto da morte que é minha que da vida que é tua,
cravada de promessas às traves desta janela.
Lua redonda,
diz-lhe que mando dizer que suba
mas só quando brilhar uma chama curta atrás da vidraça fechada.
É a senha e o sinal.
Até lá
ele que faça de gelo o seu bulir, o sentir, o respirar,
enterre suspiros e beijos na cova onde se enfiar.
O silêncio tenaz derrotará pai e mãe que não verei jamais.

Por enquanto
 ele que não retire a mão de onde a pousar,
 não mude o lugar a nenhum grão de terra,
 não abra-se o olhar e não o encha de água.
 Lua, tu que de onde estás o distingues dos pedregulhos e dos arbustos
 que há na estrada
 fecha-o num círculo de espera
 até que eu vença a razão de pai e mãe
 que me fazem guerra
 por cima do segredo que eu guardo
 e sempre guardarei.
 Um joelho tremeu e a esperança do inimigo redobrou.
 Deram um passo nas minhas costas.
 Aproximam-se com cordas.
 Larguei a escada que segurava na mão.
 O ruído assustou outro pássaro.
 Diz-lhe, lua redonda, que nada está perdido,
 que não arrisque um passo,
 que venha quando o leite se derramar no céu
 de madrugada.
 E no momento em que eu abrir a mão
 verá a grande flor encarnada.